

Palocci minimiza impactos da inflação

Cristiano Romero

De Brasília

Numa clara reação às pressões que vem sofrendo dentro do próprio governo para diminuir o grau de ortodoxia da política econômica, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, disse ontem que o governo tem consciência do custo do ajuste que vem sendo feito e que alterar seu rumo agora seria "incompreensível". Palocci procurou afastar rumores de que o secretário do Tesouro Nacional, Joaquim Levy, esteja demissionário e reiterou a confiança de que, neste ano, a economia brasileira vai expandir, inaugurando um novo ciclo de "crescimento histórico".

"Principalmente num momento como esse, depois de termos feito um ajuste importante, de termos melhorado substancialmente os indicadores econômicos e quando o Brasil se prepara para um ciclo de crescimento, mudar de rota seria incompreensível. Não há nem a possibilidade de esse diálogo se colocar nem propensão a esse tipo de coisa", afirmou Palocci durante entrevista.

O encontro com os jornalistas foi organizado por iniciativa do próprio ministro, que, no início do dia, deu entrevista também ao programa "Bom Dia Brasil", da Rede Globo. Bem-humorado, o ministro respondeu a 11 perguntas durante uma hora de entrevista.

Desde que o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, decidiu manter inalterada a taxa de juros básica (Selic), o tom das críticas à equipe econômica aumentou dentro do governo. Nos últimos dias, surgi-

ram rumores de que os secretários Levy e Marcos Lisboa (Política Econômica) seriam demitidos.

Questionado sobre o que se convencionou chamar de "fogo amigo", ou seja, as críticas internas do governo à política econômica, o ministro da Fazenda não negou a existência de divergências. "Não quero fugir dessa questão. Não há, na verdade, um questionamento da política econômica. Há expectativas sempre de que, com o Brasil melhorando, possamos fazer mais. Esse sentimento é positivo".

Sobre a suposta demissão de Levy, ele deu a entender que o desgaste é natural, mas avisou que sua equipe foi nomeada por ele. "Os guardiões do Tesouro não são as pessoas mais amadas do governo. No ano passado, com o ajuste fizemos, era difícil que o meu caro Joaquim Levy se tornasse a pessoa mais amada da esplanada, mas eu confio amplamente na competência do Joaquim, do Marcos", observou. "Há eventuais opiniões. Isso faz parte da discussão de personalidade. A equipe é uma equipe que eu escolhi."

Palocci procurou reafirmar, no entanto, a sua autoridade e o seu papel dentro do governo. "Eu sempre tenho a responsabilidade de dar os limites. É evidente que eu gostaria de sempre dizer que há recursos para tudo. Entre aquilo que gostaríamos de fazer e aquilo que a gente pode fazer, a minha função aqui é mais no 'pode' do que no 'gostaria'", reconheceu.

O ministro disse que o governo Lula sabe que a política econômica adotada em 2003 tem um custo e que ela é, segundo ele, a preparação para um período de crescimento sustentável. Fazer algo diferente pa-

ra crescer mais no curto prazo, advertiu, pode custar caro ao país.

"Se o país fizer mais do que é possível, ele constrói uma conta a ser paga. A compreensão disso vai se construindo", contou Palocci. "Peço licença para não ser pessimista. Este governo, na medida em que decidiu priorizar o equilíbrio econômico, o combate à inflação, sabe que isso tem um custo. É preciso pagar um custo para ter o país arrumado no longo prazo. Agora, não há na nossa perspectiva para o ano a possibilidade de voltar a um cenário de crise. Não há motivos nem elementos para isso."

Palocci fez questão de dizer também que, com os sacrifícios vividos pelo país em 2003, a economia está preparada para crescer nos próximos anos. Segundo o ministro, o governo tem uma intensa agenda para desenvolver em 2004, de forma a contribuir para o aumento do chamado PIB potencial do Brasil. Entre as medidas citadas por ele, estão os investimentos em infra-estrutura e o desenvolvimento dos mercados imobiliário e de capitais, além da definição de novos marcos regulatórios.

No setor imobiliário, ele revelou que o governo está preparando um amplo conjunto de medidas para reativar os financiamentos. Estuda também a redução da Cofins, que teve a alíquota recentemente elevada para 7,6%, para o setor de construção civil. A medida está sendo avaliada no âmbito do pacote imobiliário.

"Equivocam-se aqueles que acham que, por termos feito um ajuste importante no ano passado, não temos mais problemas, que

agora é só crescer. Se pensarmos dessa maneira singela, vamos encontrar obstáculos para o crescimento", advertiu Palocci. "O Brasil não precisa de um ano de crescimento. Precisa de um novo período, de um novo ciclo histórico de crescimento. Temos muito trabalho a fazer."

O ministro minimizou os possíveis efeitos da alta da inflação no início do ano sobre o comportamento dos juros e, consequentemente, sobre a expectativa de crescimento do PIB. "Não vejo esse aumento da inflação nos levar a uma postura mais conservadora na política monetária para este ano. A expectativa em termos de crescimento, de comportamento da política monetária não muda."

Palocci também minimizou a recente mudança de humor dos investidores internacionais em relação aos países emergentes. Em sua opinião, os mercados estão antecipando agora a expectativa de que o Federal Reserve (Fed), o banco central americano, aumentará as taxas de juros em algum momento, neste ano.

"A piora do cenário internacional a partir do sinal dado pelo Fed não é verde-amarela. Se você olhar o que aconteceu nos últimos dias, verá que houve uma desvalorização de moeda em todos os países emergentes e um aumento do risco na maioria deles. Isso já era esperado", explicou. "Há condições hoje, no cenário econômico mundial, de ajustes feitos com muita serenidade, então, isso não deve levar a uma deterioração significativa do quadro econômico dos países emergentes. Não houve pânico."